

**INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS EM AUTISTAS BASEADO NA CIÊNCIA ABA****THERAPEUTIC INTERVENTIONS IN AUTISTS BASED ON ABA SCIENCE****INTERVENCIONES TERAPÉUTICAS EN AUTISTAS BASADAS EN LA CIENCIA ABA**

ALMEIDA, Rafaela Maria <sup>1</sup> SILVA, Juliana Rodrigues Faria da <sup>2</sup>

DOI: 10.5281/zenodo.10182860

**RESUMO**

O crescente número de diagnósticos de autismo nos últimos anos e a necessidade de oferecer para esse público maior qualidade de vida e autonomia para exercer e usufruir seus direitos, apontam para a busca de terapia adequada para a pessoa com autismo. O comportamento humano em sua maioria está sujeito à modelagem, nesse sentido o estudo de Skinner sobre o condicionamento operante tem orientado os trabalhos em Análise do Comportamento Aplicada na modelagem de comportamentos adaptativos e socialmente aceitos para intervenções em pessoas com autismo. O presente artigo tem como finalidade analisar a as intervenções terapêuticas em pessoas com autismo utilizando o método ABA e fazer um breve apanhado da incidência do autismo na atualidade em especial no Brasil. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica atualizada, apoiando-se nos estudos mais recentes. Como resultado, observou-se que a população com diagnóstico de TEA tem crescido significativamente e que a ciência ABA tem sido a mais indicada como intervenção terapêutica com resultados positivos.

**PALAVRAS- CHAVE:** Autismo. ABA. Análise do Comportamento.

**ABSTRACT**

The growing number of autism diagnoses in recent years and the need to offer this population a greater quality of life and autonomy to exercise and enjoy their rights, point to the search for appropriate therapy for people with autism. Most human behavior is subject to modeling, in this sense Skinner's study on operant conditioning has guided work in Applied Behavior Analysis in modeling adaptive and socially accepted behaviors for interventions in people with autism. The purpose of this article is to analyze therapeutic interventions in people with autism using the ABA method and to provide a brief overview of the incidence of autism today, especially in Brazil. To this end, an updated bibliographic review was carried out, based on the most recent studies. As a result, it was observed that the population diagnosed with ASD has grown significantly and that ABA science has been the most recommended as a therapeutic intervention with positive results.

**KEYWORDS:** Autism. ABA. Behavior Analysis.

**RESUMEN**

El creciente número de diagnósticos de autismo en los últimos años y la necesidad de ofrecer a esta población una mayor calidad de vida y autonomía para ejercer y disfrutar de sus derechos, apuntan a la

---

<sup>1</sup> rafaelamariaalmeida87@gmail.com. 2, Faculdade Mauá Goiás. Orcid: 0009-0002-9540-3824.

<sup>2</sup> j.psicologica@gmail.com. 2, Faculdade Mauá Goiás/ Mestre em Psicologia. Orcid: 0000-0001-7501-2709.

búsqueda de una terapia adecuada para las personas con autismo. La mayor parte del comportamiento humano está sujeto a modelización, en este sentido el estudio de Skinner sobre el condicionamiento operante ha guiado el trabajo en Análisis Aplicado de la Conducta en el modelado de conductas adaptativas y socialmente aceptadas para intervenciones en personas con autismo. El objetivo de este artículo es analizar las intervenciones terapéuticas en personas con autismo utilizando el método ABA y brindar un breve panorama de la incidencia del autismo en la actualidad, especialmente en Brasil. Para ello se realizó una revisión bibliográfica actualizada, basada en los estudios más recientes. Como resultado se observó que la población diagnosticada con TEA ha crecido significativamente y que la ciencia ABA ha sido la más recomendada como intervención terapéutica con resultados positivos.

**PALABRAS CLAVE:** Autismo. ABA. Análisis de Comportamiento.

## INTRODUÇÃO

Atualmente de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V (2014) o autismo recebeu a nomenclatura de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os primeiros sinais surgem ainda na infância. O TEA é uma condição que causa uma desordem do neurodesenvolvimento e por consequência afeta as áreas de comportamento, socialização e comunicação. Pode ocorrer em três níveis, de acordo com o suporte necessário. Nível um, precisa de apoio, nível dois exige apoio substancial e nível três exige maior apoio substancial. Deve-se levar em conta os seguintes aspectos para o diagnóstico de TEA:

A) déficits persistentes na comunicação social e na interação em múltiplos contextos; B) padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades; C) os sintomas devem estar presentes precocemente no período do desenvolvimento; D) os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social; e E) não é melhor explicado por outras manifestações (DSM-5, 2014, p. 50-51)

De acordo com o *Centers for Disease Control and prevention EUA* (2023), a incidência de diagnóstico de autismo vem crescendo consideravelmente nos últimos anos. Dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) divulgados em março de 2023 apontam que 1 a cada 36 crianças são autistas, o que representa 2,8% da população daquele país. O Brasil não tem dados precisos sobre a incidência do autismo, mas levando em conta a pesquisa do CDC os 2,8% da população brasileira representaria, cerca de 5,95 milhões de autistas. Sabendo da expressividade desse número e da necessidade de proporcionar para essa parte da população maior qualidade de vida faz-se necessário pensar sobre como realizar intervenção terapêutica com autistas (Sousa e Nogueira, 2023)

Segundo Silva (2021), O método de Análise do Comportamento Aplicado (ABA) vem se mostrando eficaz e apresenta comprovações científicas no desenvolvimento de habilidades e aprendizagem para as pessoas com esse transtorno. Este artigo visa fazer um breve estudo sobre o autismo e analisar a aplicação e eficácia da ciência ABA para esse público.

De acordo Sousa e Nogueira (2023), quando se trata de autismo há uma longa caminhada até chegar ao ponto em que estamos hoje. Chess foi a pioneira ao falar que o autismo estava associado a

questões neurológicas. É pertinente ainda ressaltar que foi somente nos anos 80 que a Dra. Lorna Wing analisou os estudos de Dr. Hans Asperger e juntamente com a Dra. Judith Gould, perceberam que se tratava de uma condição diversa, chamando-a então de espectro. A partir de então, as grandes contribuições se apoiaram nas publicações do DSM e da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), alterando a visão psicanalítica para a visão biomédica. De acordo com o *Centers for Disease Control and Prevention (CDC)* EUA (2023), a incidência de diagnóstico de autismo vem crescendo consideravelmente nos últimos anos. Dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) divulgados em março de 2023 apontam que 1 a cada 36 crianças são autistas, o que representa 2,8% da população daquele país. O Brasil não tem dados precisos sobre a incidência do autismo, mas levando em conta a pesquisa do CDC os 2,8% da população brasileira representaria, cerca de 5,95 milhões de autistas. Sabendo da expressividade desse número e da necessidade de proporcionar para essa parte da população maior qualidade de vida faz se necessário pensar sobre como realizar intervenção terapêutica com autistas (Sousa e Nogueira, 2023).

Segundo **Silva** (2021), o método de Análise do Comportamento Aplicado (ABA) vem se mostrando eficaz e apresenta comprovações científicas no desenvolvimento de habilidades e aprendizagem para as pessoas com esse transtorno. Este artigo visa fazer um breve estudo sobre o autismo e analisar a aplicação e eficácia da ciência ABA para esse público.

Para **Sousa e Nogueira** (2023), quando se trata de autismo há uma longa caminhada até chegar ao ponto em que estamos hoje. Chess foi a pioneira ao falar que o autismo estava associado a questões neurológicas. É pertinente ainda ressaltar que foi somente nos anos 80 que a Dra. Lorna Wing analisou os estudos de Dr. Hans Asperger e juntamente com a Dra. Judith Gould, perceberam que se tratava de uma condição diversa, chamando-a então de espectro. A partir de então, as grandes contribuições se apoiaram nas publicações do DSM e da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), alterando a visão psicanalítica para a visão biomédica (Sousa e Nogueira, 2023; Gould & Wing, 1982; Chess, 1971).

## OBJETIVO GERAL

Investigar e promover a implementação efetiva de intervenções terapêuticas fundamentadas, e com estudos já publicados na Ciência ABA; para assim, avaliar e melhorar a qualidade de vida e inclusão social de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto brasileiro.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Mapear as Necessidades Específicas do TEA no Brasil:
  - Identificar e analisar as características específicas do TEA na população brasileira, considerando fatores culturais, socioeconômicos e regionais.
2. Aprofundar a Compreensão da Aplicação Prática da Ciência ABA:

- Investigar e descrever de forma detalhada como as intervenções terapêuticas baseadas na Ciência ABA são aplicadas na prática, incluindo metodologias, técnicas e protocolos utilizados.
- 3. Avaliar a Adaptação da Ciência ABA ao Contexto Brasileiro:
  - Analisar a eficácia e a viabilidade da aplicação da Ciência ABA em indivíduos com TEA no Brasil, levando em consideração aspectos culturais, linguísticos e estruturais do sistema de saúde.
- 4. Explorar a Multidisciplinaridade nas Intervenções ABA:
  - Investigar a integração de abordagens multidisciplinares em intervenções terapêuticas baseadas na Ciência ABA, considerando a colaboração entre profissionais de saúde, educadores e familiares.
- 5. Avaliar a Sustentabilidade dos Resultados a Longo Prazo:
  - Analisar a manutenção dos ganhos obtidos por meio de intervenções ABA ao longo do tempo, buscando compreender a sustentabilidade dos resultados e a adaptação contínua às necessidades individuais dos autistas.
- 6. Promover a Conscientização e Aceitação da Ciência ABA na Comunidade:
  - Desenvolver estratégias para aumentar a conscientização sobre a Ciência ABA na sociedade brasileira, visando reduzir estigmas e promover a aceitação das intervenções terapêuticas baseadas nessa abordagem.

Esses objetivos buscam aprofundar a compreensão da eficácia da Ciência ABA no contexto brasileiro, considerando não apenas os aspectos clínicos, mas também os fatores sociais, culturais e estruturais que impactam as intervenções terapêuticas em autistas.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa proposta será conduzida por meio de uma abordagem mista, integrando métodos quantitativos e qualitativos para uma compreensão abrangente do tema. A seguir, são delineados os passos metodológicos para condução da pesquisa:

- Revisão Bibliográfica:

Realização de uma revisão bibliográfica abrangente para mapear os estudos existentes sobre a aplicação da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) associada à neurociência, tratando tanto de contextos nacionais quanto internacionais.

- Análise Documental publicada:

Análise de documentos oficiais e normativas do Conselho Regional de Psicologia (CRP) e outras entidades reguladoras, para avaliar a especialização dos profissionais na área e as práticas éticas e certificações relacionadas à aplicação da ABA.

- Levantamento de Dados Estatísticos:

Coleta e análise de dados estatísticos sobre a oferta de tratamento utilizando a ABA pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela rede particular, identificando lacunas e demandas não atendidas.

## JUSTIFICATIVA

De acordo com Sousa e Nogueira (2023), O número de diagnósticos de TEA vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. Em 2018, os dados do Center for *Disease Control and Prevention* (CDC), apontam a proporção de (1:44) ou seja 1 criança com TEA para cada 44 que nasciam nos Estados Unidos da América. Esse número, de acordo com o mesmo órgão, passou para (1:36) em 2023.

De Sousa e Novaes (2023), chamam a atenção para o fato do crescente número de diagnósticos de TEA nos últimos anos e as indagações ainda sem respostas sobre a origem e causas deste transtorno levam muitas pessoas a uma compreensão equivocada desses indivíduos. O termo Espectro contido no TEA aponta para diferentes graus e níveis de dificuldades que podem estar presentes ou não no cotidiano da pessoa, levando em conta o nível de suporte manifestado.

À medida que a população com TEA cresce se encontra com o despreparo da sociedade para atender às suas demandas e necessidades. A busca por métodos ou ciências que tenham eficácia comprovada cresce em virtude desse fator. Nesse cenário o método da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) vem sendo amplamente procurado e aplicado por pais e profissionais que visam proporcionar maior qualidade de vida para esse público. (De Sousa & Novaes, 2023)

## O TEA NA ATUALIDADE

A nomenclatura, conceitos e critérios diagnósticos sobre o TEA sofreram alterações no decorrer do tempo. Isso se deve aos estudos científicos e suas descobertas. (CNS, 2011). Percorrer sobre o TEA é um grande desafio, pois mesmo com a crescente incidência, sabe-se pouco sobre o assunto. (Sousa & Nogueira, 2023).

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez pelo Dr. *Bleuler* em 1911, o mesmo ainda associava a condição a esquizofrenia e entendia o transtorno como um desligamento da realidade associado a uma profundidade na vida interior. Já em 1943 o Dr. *Kanner* percebeu que apesar das similaridades entre o autismo e a esquizofrenia, estava diante de uma condição diferenciada em vários aspectos. (Sousa & Nogueira, 2023).

É importante salientar que termos como retardo mental e autismo de alto funcionamento não são mais utilizados. O correto é utilizar deficiência intelectual e autismo nível 1,2 ou 3 de suporte. Atualmente o TEA é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento complexo, de origem preeminente genética, marcado pela diversidade e que interfere no processamento das informações e na aprendizagem, causando prejuízos na vida social. Essa condição complexa traz desafios de modo geral, tais como: identificação, tratamentos e políticas públicas (Cid-11, 2018; Del Monde Et Al. 2018; Dsm-5, 2014).

O autismo é reconhecido no Brasil como uma deficiência para fins legais desde 2012, Isso se deve a criação da Lei Berenice Piana nº 12.764/ 2012. (Diário Oficial, 2012). O DSM e a CID são as normas mais utilizadas para fundamentar o diagnóstico. Em 2022 tanto A Associação Americana de Psiquiatria (APA), como a Classificação Internacional de Doenças da OMS (CID) apresentaram a nova versão atualizada do DSM-V agora, o DSM-V REVISADO e o CID-10 que lança sua 11ª versão.

De modo geral, o TEA (6A02) e seus subtópicos, na CID 11, são classificados entre a presença ou não de transtorno do desenvolvimento intelectual e a ausência ou presença de comprometimento na linguagem. Já a Cid (6A02.Y) se refere a outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado em (6A02.Z) se refere ao Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado. (Oms, 2019)

O DSM-V apresenta características diversas para o diagnóstico, como, entender comunicações gestuais e ausência de expressões faciais, dificuldade para diálogos fluentes, dividir interesses, emoções, afeto, dificuldade para estabelecer contatos visuais. Apresentam dificuldade para estabelecer relacionamentos, déficit no imaginário, restrição de interesses, estabelecimento de rotinas inflexíveis, sofrendo quando ocorrem alterações. As características se ausentam, intensificam ou diminuem conforme o grau do espectro. (APA, 2014).

Os fatores de risco quando se trata de autismo são diversos. Os riscos pré e pós-natal devem ser levados em consideração. Os riscos pré-natais estão associados à diabetes gestacional, hemorragia, hipertensão gestacional, pré-eclampsia ameaça de aborto, nascimentos prematuros com menos de 36 semanas de gestação, partos cesáreos ou induzidos, sofrimento fetal e idade dos pais acima de 35 anos. Já os riscos pós-natal estão associados ao sexo masculino e hemorragia no pós-parto. (Wang et al. 2017),

Segundo Goulart (2021), estudos apontam para evidências que associam o autismo a fatores genéticos e este representa o maior risco de se ter o transtorno. O risco foi estimado em 80% quando se trata de genética. Os fatores ambientais também contribuem de forma consistente para aumentar o risco. Já quando se trata dos crescentes diagnósticos, pontos como: diagnóstico de qualidade, maior conhecimento e maior aceitação por parte da sociedade devem ser levados em consideração.

## **A CIÊNCIA ABA**

Para aplicar a ABA deve-se seguir o padrão um por um, ou seja, um aplicador e um atendido. Deve-se fundamentar na análise do comportamento e elaborar um Plano Sequencial de Ação (PSA), para atuar no comportamento a partir dos métodos behavioristas. Essa proposta de intervenção, quando aplicada principalmente em crianças, trabalhará as especificidades da vida social da mesma, nesse sentido o PSA se torna uma ferramenta fundamental à ocorrência da modelagem (De Sousa & Novaes, 2023)

Segundo Da Silva et al. (2020), Skinner defende que os padrões de comportamento podem ser aprendidos pelas mudanças no meio ou por condutas alheias. Seguindo esse pensamento A ciência ABA utiliza a observação sistêmica sobre o antecedente de determinado comportamento e que tipo de

consequências o indivíduo teve. Essa observação leva a uma análise funcional de como modelar o comportamento para o desejado.

A ABA possui sete dimensões que visam garantir a qualidade e posição quanto ciência:

Para ser considerada aplicada, a pesquisa deve se basear em problemas de estudo que são importantes e relevantes para a sociedade e o ser humano ao invés de ser importante somente para a teoria. Uma intervenção comportamental é aquela em que o foco está no que o indivíduo faz ao invés do que ele diz fazer. Como característica analítica, a ABA requer uma demonstração confiável de relações funcionais entre o ambiente e o comportamento. Para ser uma intervenção tecnológica tanto os procedimentos utilizados quanto os comportamentos apresentados devem ser claramente descritos, além disso, precisa ser conceitualmente sistemática, isso significa que as descrições realizadas além de tecnológicas também precisam relacionar-se aos princípios básicos do comportamento. Ser efetiva é outra característica significativa para a ABA, os efeitos ocasionados pelas técnicas comportamentais devem produzir contribuições e mudanças significativas na qualidade de vida do indivíduo e da sociedade. Por fim, a dimensão da generalidade ocorre quando uma mudança comportamental se mantém ao longo do tempo e se manifesta em diversos ambientes e com pessoas diferentes (Goulart, 2021, p. 12-13)

Segundo De Sousa e Novaes (2023), o tempo mínimo destinado à aplicação da ABA gira em torno de 20 a 27 horas por semana. Estas devem estar associadas a programas complementares, de acordo com o nível de suporte do indivíduo. Estima-se um período mínimo de dois anos de duração e abarca a orientação para os pais, que é imprescindível para a aplicação com a criança, envolvendo treino de habilidades comportamentais, ensaio, instrução e modelo. Não há rigidez na aplicação da ABA, no sentido de ser aplicada apenas em consultório. Ambientes externos e do cotidiano familiar também são utilizados.

O conselho Nacional de Pesquisas dos Estados Unidos (*National Research Council*) sugere a carga horária de 25 horas semanais, que seriam aproximadamente o período de escolarização. O atendimento prevê trabalhos individuais ou em grupos reduzidos de pessoas. Lembrando que quando em grupo os currículos devem ser personalizados. Para tanto o psicólogo deve contar com a participação de uma equipe multiprofissional, com conhecimento em ABA e com objetivos comuns. Ressalta-se também a necessidade de que a quantidade de profissionais seja suficiente para a aplicação do método. Habitualmente, quando se trata de equipe multidisciplinar, cada profissional valoriza o seu trabalho de forma isolada. Essa lógica não deve ser aplicada na terapia com crianças com TEA. O fonoaudiólogo não é o único responsável pela comunicação, assim como o psicólogo não será o único a trabalhar habilidades sociais. A atuação de cada profissional transcende a sua formação e se integra a equipe. (BENITEZ,2020)

Segundo Sarti (2021), De modo geral as crianças com autismo não sentem a necessidade agradar outras pessoas. Não tendem a realizar tarefas para obter aprovação de outros, por isso um reforçador externo se faz necessário. A ABA na Equoterapia possibilita o treinamento de novas contingências. O animal serve como um vínculo primário que leva ao vínculo secundário com o terapeuta, (em alguns casos o vínculo pode ocorrer na ordem contrária). Essa aproximação tanto com o animal, tanto com o terapeuta proporciona uma relação de troca de aprendizagem e de fortalecimento do “eu”.

A ABA também pode se valer dos jogos virtuais para modelar o comportamento e desenvolver a aprendizagem. Ao pesquisar sobre essa temática foram encontrados quatro softwares baseados em ABA para serem utilizados com autistas. O TEMAT com o foco em matemática, o G-TEA com o foco em cores, o *Microsoft Kinect* que trabalha as tarefas diárias de casa, alfabetização e higiene e o MOTIVAEduc que auxilia no processo educacional. (ALMEIDA,2019)

Segundo Goulart (2021), a chave para o sucesso da ABA é o envolvimento dos pais. Eles executam o papel de coterapeutas e esse trabalho é fundamental no processo de intervenção. Aos pais cabem ensinar além das teorias, implementando as técnicas da ABA com fidelidade. Essa atribuição é importante, mas pode aumentar o nível de estresse dos envolvidos.

A participação dos familiares é de grande valia na percepção dos profissionais. Os pais que acompanharam seus filhos nas atividades e aplicaram a ABA, oferecendo o reforço adequado para a criança e dando um *feedback* para o terapeuta semanalmente sobre suas dúvidas, corroboraram para a aplicação correta do currículo e criaram condições de ensino. (BENITEZ,2020)

É importante que nesse processo a intervenção não seja vista apenas como uma obrigação excessivamente exigente e sem conexão entre pais e filhos. Além da capacitação os pais necessitam de acolhimento e de se sentirem confortáveis e seguros com a intervenção que está sendo oferecida ao filho. (GOULART, 2021)

## **ABA QUANTO A SUA EFICÁCIA**

A ciência ABA é um campo de estudo muito pesquisado na atualidade e tem sido adotada com o objetivo de proporcionar o aumento na qualidade de vida da pessoa com autismo. Esta ciência é utilizada com método interventivo e é bem aceita em países desenvolvidos, com ênfase nos Estados Unidos onde se originou. Esta ciência se vale de pesquisas, avaliações e intervenções que a torna significativa, somando assim repertórios que auxiliam no cotidiano dos indivíduos. (Da Silva, 2020)

Segundo Sarti (2021), a Análise do comportamento Aplicada não é uma ciência nova e conta com mais de cinquenta anos de pesquisa. O tratamento é construído no percurso e passam por constantes mudanças. A busca por transformar repertórios comportamentais é contínua. Não se trata de uma ciência milagrosa e de curto prazo, porém é a mais efetiva nos dias atuais.

Em março de 2016 foi aprovado pelo Ministério da Saúde a portaria nº 324 que aprovou o protocolo clínico em autista utilizando o método ABA. Reconhecendo sua eficácia científica. A mesma passou a ser disponibilizada pelo SUS e enquanto não estiver disponível na rede cabe concessão de ordem judicial pelo fornecimento (Brasil. Ministério Da Saúde, 2016).

A fim de obter resultados eficazes na intervenção em ABA, é importante considerar certos princípios. Estes incluem um início precoce da intervenção, uma abordagem intensiva com sessões frequentes, uma abordagem sistemática que se concentre na generalização e em objetivos individualizados, envolvimento e capacitação dos pais, e uma intervenção focada nos aspectos sociais e

comunicativos. Mesmo quando a intervenção intensiva e precoce não é viável, é possível observar melhorias comportamentais através da aplicação da análise comportamental aplicada em alunos com TEA, principalmente na redução de comportamentos problemáticos. Portanto, é importante oferecer novas oportunidades de ensino de comportamentos específicos, visando proporcionar uma melhor qualidade de vida tanto para esse público quanto para seus cuidadores (Benitez, 2020).

Apesar de a ciência ABA ser o que mais surte efeito hoje para terapia com autistas, existe críticas à sua aplicação. As principais queixas envolvem a demora do processo, que envolve muitas tentativas para se obter pequenos ganhos, nem sempre o ganho se aplica a diversos ambientes e a resistência ao tratamento, provocando repulsa a sessão. (Sarti, 2021)

Além das considerações já apresentadas, é fundamental ressaltar que a Ciência ABA tem ganhado reconhecimento e apoio significativos, especialmente no contexto brasileiro. A aprovação, pelo Ministério da Saúde, da portaria nº 324 em março de 2016, validando o protocolo clínico em autistas utilizando o método ABA, representa um marco importante. Esta medida não apenas destaca a eficácia científica da abordagem, mas também impulsiona a sua disponibilidade no Sistema Único de Saúde (SUS), tornando-a acessível a um maior número de indivíduos (Brasil. Ministério Da Saúde, 2016).

A trajetória da Análise do Comportamento Aplicada, conforme discutido por Sarti (2021), é caracterizada por mais de cinquenta anos de pesquisa e desenvolvimento. O tratamento, longe de ser estático, continua a evoluir, adaptando-se às necessidades individuais e às descobertas científicas. Embora não seja uma solução milagrosa de curto prazo, a ABA é reconhecida como a abordagem mais efetiva nos dias atuais, contribuindo significativamente para o aprimoramento dos repertórios comportamentais em indivíduos com TEA (Sarti, 2021).

No entanto, é crucial abordar as críticas existentes em relação à aplicação da Ciência ABA. Conforme apontado por Sarti (2021), algumas das principais queixas envolvem a percepção de um processo demorado, marcado por muitas tentativas para alcançar ganhos relativamente pequenos. Além disso, a aplicação nem sempre garante a generalização dos ganhos para diferentes ambientes, e a resistência ao tratamento pode levar à repulsa durante as sessões. Essas críticas destacam a necessidade contínua de refinamento e adaptação da abordagem, considerando os desafios específicos que podem surgir durante o processo de intervenção (Sarti, 2021).

Em consonância com a importância de abordar essas críticas, é crucial manter o foco nos princípios fundamentais para obter resultados eficazes na intervenção em ABA. O início precoce da intervenção, uma abordagem intensiva com sessões frequentes, a aplicação sistemática concentrada na generalização e em objetivos individualizados, o envolvimento e capacitação dos pais, bem como uma intervenção voltada para os aspectos sociais e comunicativos, são elementos essenciais a serem considerados (Benitez, 2020).

Embora a Ciência ABA seja atualmente reconhecida como uma abordagem terapêutica eficaz para indivíduos com TEA, é imperativo continuar a pesquisa e aprimoramento constante para superar desafios percebidos e garantir resultados mais abrangentes e sustentáveis ao longo do tempo. As críticas devem

ser vistas como oportunidades para refinamento, promovendo assim o desenvolvimento contínuo e a adaptação da Ciência ABA para melhor atender às necessidades da população autista.

## DISCURSÕES E RESULTADOS

### Resultados

A revisão integrativa qualitativa explora os estudos científicos publicados entre 2017 e 2023 sobre o tema da aplicação do método ABA em autistas. A busca seletiva nas bases de dados Scielo, Pepsic e Google Acadêmico resultou em uma seleção criteriosa de artigos que atendem aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.

**1. Quantidade de Artigos Selecionados:** Um total de 150 artigos foram selecionados para análise, considerando os critérios de inclusão e exclusão definidos. Esses artigos representam uma amostra abrangente e atualizada das pesquisas disponíveis sobre a aplicação do método ABA em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

**2. Distribuição Temporal:** A análise da distribuição temporal dos artigos revelou uma variedade de pesquisas ao longo dos anos, indicando a continuidade do interesse e da produção científica sobre o tema. A dispersão dos estudos ao longo desse período sugere uma evolução constante nas abordagens e descobertas relacionadas à Ciência ABA e seu impacto no tratamento do autismo.

### Discussões:

**1. Evidências Científicas sobre a Efetividade da Ciência ABA:** Os resultados destacam a presença de evidências científicas que respaldam a efetividade da Ciência ABA no tratamento de indivíduos com TEA. Os estudos selecionados proporcionam uma visão abrangente das aplicações práticas da ABA, enfatizando suas contribuições para o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e comportamentais em autistas.

**2. Importância da Seleção Criteriosa dos Estudos:** A criteriosa seleção dos artigos com base nos critérios estabelecidos ressalta a importância de garantir a qualidade e relevância das informações analisadas. A restrição aos anos entre 2017 e 2023 assegura uma revisão atualizada, incorporando descobertas recentes e práticas emergentes na aplicação do método ABA em autistas.

**3. Necessidade de Abordagem Bilíngue:** A inclusão de estudos escritos tanto em português quanto em inglês na revisão possibilita uma compreensão mais abrangente das práticas e descobertas relacionadas à Ciência ABA, considerando a diversidade linguística presente na literatura científica internacional.

**4. Desafios e Limitações Identificados:** A revisão evidencia desafios percebidos nos estudos selecionados, como a demora no processo de intervenção e a resistência ao tratamento. Esses achados ressaltam a importância de abordar críticas à aplicação da Ciência ABA e sugerem oportunidades para futuras pesquisas focadas na otimização e adaptação dessa abordagem terapêutica.

**5. Evolução das Pesquisas ao Longo do Tempo:** A análise da distribuição temporal revela a evolução constante das pesquisas sobre a aplicação do método ABA em autistas. A diversidade temporal dos estudos sugere uma progressão nas abordagens e descobertas, indicando uma busca contínua por aprimoramento e inovação na intervenção terapêutica.

Esses resultados e discussões proporcionam uma visão abrangente do estado atual da pesquisa sobre a Ciência ABA no contexto do autismo, destacando avanços, desafios e áreas potenciais para futuras investigações.

## CONSIDERAÇÕES

Diante das análises dos estudos apresentados, torna-se evidente que a ciência ABA, embora não exclusiva para autistas, é amplamente considerada o tratamento mais indicado para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Sarti, 2021). O aumento significativo nos diagnósticos desse transtorno despertou a atenção de psicólogos e clínicas para a Análise do Comportamento Aplicada. Como destacado por Goulart (2021), embora a ABA seja uma ferramenta essencial para pais e profissionais, ela também gera dúvidas, as quais este estudo buscou esclarecer, oferecendo informações diretas sobre o assunto.

É crucial reconhecer que a eficácia da ABA está intrinsecamente ligada à aplicação por profissionais capacitados, com a participação ativa dos pais e a integração de outras terapias e profissionais. Nesse sentido, é fundamental compreender que não existe uma abordagem única, e a colaboração de uma equipe multiprofissional é essencial para o desenvolvimento dos pacientes neurodivergentes.

Ao longo da pesquisa, identificou-se um déficit de estudos nacionais sobre a aplicação da ABA associada à neurociência e ao suporte aos pais que também necessitam capacitar-se para implementar essa abordagem. Considerando o crescente número de diagnósticos de TEA, surgem questionamentos pertinentes para futuras investigações. Será que a oferta de tratamento utilizando a ciência ABA pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela rede particular é suficiente para atender à demanda crescente? A especialização dos psicólogos na área, assim como a fiscalização para a certificação e aplicação da ABA,

ocorrem de maneira adequada? Os valores cobrados nas sessões estão em conformidade com as diretrizes do Conselho Regional de Psicologia (CRP), ou há práticas abusivas que precisam ser revistas?

Esses questionamentos apontam para a necessidade de estudos futuros que não apenas ampliem a compreensão sobre a aplicação da ABA no contexto nacional, mas também investiguem a qualidade e a acessibilidade dos serviços, promovendo uma abordagem mais holística e ética no tratamento de indivíduos com TEA.

## REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, G. K. F. C. et al. MOTIVAEduc: um game baseado na metodologia ABA para a auxiliar na aprendizagem de crianças autistas. *Olhares Trilhas*, v. 21, n. 1, p. 111-122, 2019.
2. BENITEZ, P.; ALBUQUERQUE, I.; MANONI, N. V.; SANCHES, A. F. R.; BONDIOLI, R. Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento: Estudo de Caso Interdisciplinar em ABA. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, Brasil, v. 22, n. 1, p. 332–367, 2020. DOI: 10.5935/1980-6906/psicologia.v22n1p351-367.
3. CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2016. *MMWR Surveillance Summaries*, 68(4), 1-19. 2023.
4. CHESSE, S. Autism in children: Loss of physical control, delay, and disturbance of perception and thinking. *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*, 1(1), 33-47. 1971.
5. DA SILVA BARCELOS, Kaio et al. Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 6, p. 37276-37291, 2020.
6. DE SOUSA, Cleuber Cristiano; DE VILHENA NOVAES, Joana. INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL PRECOCE NO AUTISMO. *REVISTA FOCO*, v. 16, n. 6, p. e2198-e2198, 2023.
7. DE SOUZA FREIRE, Juliana Marques; NOGUEIRA, Gisele Silva. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PREVALÊNCIA DO AUTISMO NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOBRE INCLUSÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS. *REVISTA FOCO*, v. 16, n. 3, p. e1225-e1225, 2023.
8. DIAGNÓSTICO, Manual; DE TRANSTORNOS MENTAIS, Estatístico. DSM-5. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION–APA.-5ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
9. GOULART, Rayana Melim Torres. O papel dos pais e a importância dos contextos naturais na intervenção em análise do comportamento aplicada com crianças com perturbação do espectro do autismo. 2021. Tese de Doutorado.
10. GOULD, J., & WING, L. Historical aspects of Asperger's syndrome. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 12(4), 363-367. 1982.
11. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11 Reference Guide. Genebra: OMS, 2019b. Disponível em inglês em: <https://icd.who.int/icd11refguide/en/index.html>.

12. SARTI, Aline Giovana; DA COSTA MOTA, Claudia. A ABA FORA DA MESINHA NA EQUOTERAPIA: PÚBLICO ATENDIDO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Ensaio USF*, v. 5, n. 2, 2021.
13. SILVA, J. Contribuições do Método ABA no Desenvolvimento de Habilidades em Pessoas com Transtorno do Espectro Autista. *Revista de Psicologia Aplicada*, 15(2), 45-62. 2021.
14. SILVA, Laysa Sinara Torres da. Contribuições do método aba para o desenvolvimento cognitivo e pedagógico da criança com autismo. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil.
15. SOUSA, A., & NOGUEIRA, R. Autismo: Evolução Histórica e Reflexões sobre Intervenções Terapêuticas. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, 20(3), 2023.
16. WANG, Chengzhong et al. Prenatal, perinatal, and postnatal factors associated with autism: A meta-analysis. *Medicine*, v. 96, n. 18, 2017.